



As sete luzes da volta: *Las luminarias de Janucá* (1924) e o duplo retorno a Sefarad
The seven lights of the return: *Las luminarias de Janucá* (1924) and the double return to Sefarad

Luiz Carlos de Barros Silva*

Universidade Federal de Pernambuco | Recife, Brasil

luizbarroscarlosbarto@gmail.com

Resumo: Neste artigo, propomos uma leitura de *Las luminarias de Janucá* (1924), do escritor espanhol Rafael Cansinos-Assens, evidenciando a importância que as festividades judaicas, especialmente a *Chanucá*, têm para o duplo retorno que observamos neste romance: acompanhamos o resgate realizado pelo protagonista, Rafael Benaser, *alter ego* do autor, das suas raízes judaicas, ao mesmo tempo em que seguimos o restabelecimento da primeira comunidade judaica da Espanha moderna.

Palavras-chave: Sefarditas. Chanucá. Rafael Cansinos-Assens.

Abstract: In this article, we propose a reading of *Las luminarias de Janucá* (1924), by the Spanish writer Rafael Cansinos-Assens, highlighting the importance that Jewish festivities, especially Hanukkah, have for the double return that we observe in this novel: we follow the rescue carried out by the protagonist, Rafael Benaser, the author's alter ego, of his Jewish roots, while we follow the re-establishment of the first Jewish community in modern Spain.

Keywords: Sephardim. Hanukkah. Rafael Cansinos-Assens.

Em certo momento do seu ensaio autobiográfico de 1970, “Na Autobiography Essay”, Jorge Luis Borges lembra os acontecimentos ocorridos meio século antes, quando esteve na Espanha pós-guerra (1919-21); entre esses eventos o que mais se sobressai é o período em que foi noviço no Movimento Ultraísta sob a tutela de Rafael Cansinos-Assens (1882-1964), romancista, poeta, tradutor¹ e crítico literário de origem judaico-andaluz, que à época, já desfrutava de certa notoriedade na cena literária espanhola. Como outro *memorioso*, Borges relembra com exatidão as tertúlias no Café Colonial, onde, em companhia de outros jovens com pretensão a poeta, travava batalhas de vanguarda poética que tinham à dianteira o mentor Cansinos.

Mudamos para Madri, e aí o grande acontecimento foi minha amizade com Rafael Cansinos-Assens. Ainda gosto de pensar

* Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Pernambuco.

¹ Rafael Cansinos-Assens traduziu, pela editora Aguilar, toda a obra de Dostoievski, Goethe e mais as *Mil e uma noites*; poucos antes de falecer, trabalhava na obra completa de Balzac.



em mim como seu discípulo. Viera de Sevilha, onde estudara para padre, até que, ao descobrir que seu sobrenome constava dos arquivos da Inquisição, decidiu ser judeu. Isso o levou a estudar o hebraico e inclusive a se fazer circuncidar. [...] O mais notável de Cansinos era que vivia exclusivamente para a literatura, sem pensar no dinheiro ou na fama. Excelente poeta, escreveu um livro de salmos eróticos intitulado *El candelabro de los siete brazos*, publicado em 1915. Também escreveu romances, contos e ensaios e, quando o conheci, liderava um grupo literário².

Cinquenta anos depois, uma perspectiva memorialística parece se destacar sobre as demais: ao lembrar esses anos juvenis, Borges se refere menos a ultraísmos e metáforas que ao judaísmo e a uma estética judaica própria de Rafael Cansinos-Assens. À altura, os vínculos do escritor andaluz com o judaísmo eram evidentes e conhecidos, não apenas pela produção literária, certamente a mais lembrada, mas também pela sua atividade política, dada a sua participação no movimento filossemita espanhol do começo do século. Borges já pré-destinava uma opinião que os críticos posteriores teriam sobre este andaluz que faleceu em quase completo esquecimento: Cansinos e o tema judaico são inseparáveis, como reafirmou o argentino em um soneto dedicado ao *maestro*: “Bibió como quien bebe un hondo vino/ Y sintió que era suya es aduzura/ Y sintió que era suyo aquel destino. /Lo llamaba Israel/”³.

Cansinos-Assens uniu a sua literatura a esse “destino” judaico que era o seu próprio; desta intersecção surge a sua primeira obra, *El candelabro de los siete brazos*, de 1914. A partir de então, o componente judaico vai ser uma constante na escrita do andaluz, resultando, em 1924, na obra que ora nos ocupa, a novela autobiográfica escrita em terceira pessoa, *Las luminarias de Janucá*. Este romance narra a trajetória do jovem poeta Rafael Benaser, descendente de conversos e *alter ego* de Rafael Cansinos-Assens, no seu resgate pessoal da própria identidade e ascendência judaicas, ao mesmo tempo que nos é possibilitado a formação do seu caráter pessoal, moldado pelo retorno às tradições judaicas e pelo convívio com outros judeus. Este processo levou Cecilia Prenz⁴, em brilhante artigo, a identificar uma “historia de doble

² BORGES, 2009, p. 32.

³ BORGES, 1996, p. 293.

⁴ PRENZ, 2021, p. 48.



retorno” neste romance: o autor de volta à sua identidade judaica, nunca rígida ou exclusiva, e o da Espanha, de volta ao judaísmo⁵.

O propósito deste artigo é o seguinte: como descendente de conversos, Benaser/Cansinos procurou penetrar na tradição (literária) judaica, *Masoret*, e nela encontrar um pertencimento, não apenas através da literatura, mas também pelas festividades, em especial, a comemoração da *Chanucá*. Nos seus romances, Cansinos nos mostra que acender o Candelabro em dezembro diz respeito, antes de tudo, a pertencer à unidade diversa que é o “povo do Livro”. Com o romance *Las luminarias de Janucá* (1924) em mãos, nos interessa destacar aqui a particular escrita e vivência de Benaser/Cansinos nesse processo de retorno, *teshubá*, entendendo esta obra como uma produção autorreferencial e autobiográfica.

1 Las luminarias de Janucá

Até hoje, o romance *Las luminarias de Janucá* conheceu três edições. A primeira data de 1924, há exatos cem anos, pela editora madrilenha *Internacional*, e marca o período mais fecundo de Cansinos-Assens como romancista e articulista de temas judaicos, produção que seria obliterada anos mais tarde pela desconfiança franquista com qualquer material “judaizante”. A segunda edição foi realizada quase quarenta anos depois, em 1961, pela editora argentina *Candelabro*, sob a supervisão e com prólogo de César Tiempo. Com esta edição escrevemos este artigo. A terceira edição de *Las luminarias de Janucá* (2011), com prólogo de Jacobo Israel Garzón, faz parte do esforço louvável levado a cabo pela *Fundación ARCA* para recuperar e reunir a obra do romancista andaluz.

Como assinala J. I. Garzón⁶, ao compararmos a primeira edição com a segunda, podemos notar numerosas mudanças, que certamente foram supervisionadas pelo autor. Porém, o núcleo da obra continua o mesmo: “es un monumento que consagra un momento culminante y feliz en la historia de las relaciones, no siempre fraternales, entre españoles y sefardíes”⁷. Estas palavras de Cansinos são eco dos propósitos que, em 1924, o haviam levado a escrever o romance: consagrar pela literatura os esforços realizados pelo senador Ángel Pulido (no texto, o “doctor Florido”)⁸ durante a repercutida e polêmica campanha espanhola de reparação

⁵ Antes de *Las luminarias de Janucá*(1924), Rafael Cansinos-Assens publicou, entre 1918 e 1921, três livros de interesse judaico: *España y los judios españoles: El retorno del Éxodo*(1919), *Las bellezas del Talmud* (1920) e *Cuentos judiocontemporáneos* (1921).

⁶ GARZÓN, 2011, p. 5.

⁷ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 7.

⁸ Ángel Pulido, desde uma atitude romântica para com os sefarditas, publicou em 1904 *Los israelitas españoles y el idioma castellano*, que contém elogios à limpeza das



filosefardita do começo do século, responsável por oferecer as conjunturas que possibilitaram a constituição da primeira comunidade judaica moderna em Madri.

Pelas páginas deste romance, acompanhamos os momentos de dúvida, êxitos e fracassos que vivem as personagens participantes da campanha, entre os quais está o protagonista desta obra, Rafael Benaser. Outros importantes nomes do filosemitismo espanhol que aqui viram personagens, como o de José Farache (no romance, “señor Farsi”), tradutor gibraltarinho que reside na Espanha graças a seu passaporte britânico, e Abraham Shalom Yahuda (o “doctor Salomón”), sábio advindo à Península para ocupar uma cátedra de estudos hebraicos na *Universidad Central de Madrid*, cruzam com o caminho de Benaser, e têm as suas ações e ideias recuperadas, embora sejam sempre identificados com nomes chaves, pois, como argumenta J. I. Garzón era necessário “mantener La privacidad sobre los protagonistas, todos ellos vivientes o con carácter público en el momento que apareció”⁹ o romance¹⁰. A presença simultânea dessas figuras em Madri, bem como os pareceres nem sempre convergentes entre elas sobre temas judaicos, é um ponto central no relato.

Se bem alguns entusiastas dessa campanha mantinham uma visão estereotipada do judeu, entendendo-o, antes de tudo, como um “homem de negócios”, Rafael Benaser, o *señor Farsi* e o *doctor Salomón* foram testemunhas, ao mesmo tempo em que protagonistas, de um capítulo do liberalismo espanhol preocupado por restaurar os laços sociais, culturais e linguísticos --não apenas os econômicos-- anteriormente rompido com os sefarditas dispersos pelo mediterrâneo desde o Édito de Expulsão de 1492. Por todo o romance, nos deparamos com um elenco numeroso de conversos e de judeus que se orientam unicamente no sentido de reafirmar uma perdida, minguada ou acurralada identidade judaica; esses homens e mulheres judeus aparecem como atendendo à provocação de Vicente Casanova, “clásico y católico”, personagem de *La novela de un literato*, que, ao propagar uma visão grotesca do judeu ante um grupo que “no ha visto en su vida un judío”, não obtém nada mais que a incredulidade da audiência, que, ao fim, se pergunta: “¿Dónde habrá un judío? ¿Quién podría traer nos aquí un judío?”¹¹.

O regresso a *Sefarad* não se dá sem sobressaltos. A campanha de reparação hispanosefardita inicia abordando questões básicas, como a reabilitação do apelativo “judío”, termo que fazia tremer os próprios judeus. O *doctor Salomón* nota: “Algunas

casas dos judeus e à beleza da mulher sefardita. Posteriormente, publica *Los españoles sin patria y la raza sefardí* (1905).

⁹ GARZÓN, 2011, p. 21.

¹⁰ Na edição de 2011, J. I. Garzón disponibiliza uma guia de personagens e lugares.

¹¹ CANSINOS ASSENS, 1982, p. 209.



personas, muy amables me han dicho: ‘Usted es israelita... eso está bien’. Mas yo ractificaba: ¡Soy judío! Y ellos sonreían entonces como evitando ofenderme”¹². Com o desenrolar da Primeira Guerra Mundial, mais judeus oriundos dos mais distantes rincões da Europa acodem à Espanha, que mantém uma postura neutra e vai, a passos lentos, consolidando-se como uma democracia liberal: “Impelidos por los horrores de la guerra mundial, empezaban a llegar a España hijos de laraza desventurada. [...] Algunos huían de las matanzas rusas, anteriores a la guerra, de los pogroms luctuosos [...]”¹³.

1.1 Um romance autobiográfico

Cansinos-Assens recorre a operações autoficcionais em muitos dos seus romances, como é o caso de *Las luminarias de Janucá*; aqui, com a finalidade de dar transcendência e valor histórico às próprias ações e às dos companheiros da campanha filossemita espanhola do começo do século. Neste processo, autor, narrador e personagem principal remetem o leitor a uma realidade extratextual, isto é, à estruturação da comunidade sefardita na Espanha, com a qual, a princípio, Rafael Benaser procurou restabelecer os seus vínculos judaicos. Porque, como notaremos, a personagem conversa, ou marrana, não se limita às linhas da *resfictio*, pois é, antes de tudo, uma ficção vivente que sofre por ser judia e que percebe, ou suspeita, o existir de uma memória ancestral coletiva que lhe foi ocultada.

A odisseia pessoal de Benaser/Cansinos mantém uma proximidade estreita com os acontecimentos históricos narrados no romance, o que mais uma vez sugere o caráter documental do romance, como tão bem expressa o subtítulo da obra: “Un episodio de la historia de Israel en España”. Como referimos, nesta obra notamos um duplo retorno: ao mesmo tempo em que acompanhamos a estruturação em *Sefarad* de uma comunidade judaica, anteriormente perseguida, lidamos com as dúvidas, as incertezas e o entusiasmo juvenil de Benaser. Este movimento foi sentido por Borges, um dos leitores mais atentos de Cansinos:

Esta novela es autobiográfica. Su perenne interlocutor, ese Rafael Benaser que escudriñando un proceso inquisitorial da con el nombre de un su posible antepasado judío y se siente así vinculado a la estirpe hebraica y hasta entenebrecido de su tradición de pesares, no es otro que Cansinos¹⁴.

Em antigas crônicas e manuscritos, e, por fim, em documentos inquisitoriais, Benaser rastreia o sobrenome paterno numa tentativa de justificar a melancolia que pesa

¹² CANSINOS ASSENS, 1961, p. 153.

¹³ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 187.

¹⁴ BORGES, 1993, p. 91.



sobre a sua estirpe. Se outrora influentes e opulentos, os Benaser haviam caído em uma inércia que borrava quase completamente as glórias passadas que haviam proporcionado à Espanha: “¿Por qué --suspiraba-- una fatalidad extraña pesa sobre las criaturas de mi estirpe? [...] ¿Por qué tenían aquella mirada de piedad y al mismo tiempo de queja de los Cristos lacerados? [...] ¿Qué crimen expiaban[...]?”¹⁵ As respostas a tais perguntas conduziram inevitavelmente à ascendência judaica da família Benaser: “siempre en busca de aquel nombre que era el único vínculo”¹⁶.

Al cabo de unos siglos, el terrible recuerdo quedó, al fin, olvidado en los archivos, sepultado bajo ese polvo docto; más la tristeza nacida de aquel hecho perduró, sin causa cierta ya, en la memoria y en el corazón del linaje, y también en la hostilidad de las gentes, que sin saber por qué, nunca nos consideraron enteramente como iguales. Y he ahí por qué, hermana mía, estamos tristes nosotros y desencantados, y llenos, sin embargo, de exigencias; altivos como quienes fueron torturados y despojados sin causa y desde el polvo de su miseria pueden alzarse a pedir cuentas...¹⁷.

A melancolia que paira sobre a família Benaser, como um “hechizo singular y nefasto”¹⁸, pode ser sentida em várias aspectos: a morte prematura dos seus membros, uma desconfiança com a religião dominante e um sentir-se deslocado. Podemos recorrer a Ricardo Forster para uma melhor aproximação a esse tema tão recorrente neste romance. Em *A ficção marrana*, Foster associa o marrano ao conceito de *hibrys*, sujeito que, como um espelho quebrado em muitos pedaços, não pode refletir mais a fidelidade às leis dos seus antepassados: “A excepcionalidade marrana representa o que foi silenciado do sujeito; [...] de que modo o espelho estalado, que define a identidade do converso, continuará habitando secretamente a alma do sujeito para além de suas negações.¹⁹ Uma vez que os vínculos que o une às tradições passadas foram quebrados ou estão quebradiços, o marrano, de acordo com Forster, precisa recalcar aquilo que ele é para fazer do simulacro a sua vida encenada, deixando, assim, nítido um abismo entre o que se é e o que esperam que ele seja. Nesta tensão constante, o marrano revela-se como:

[...] uma figura dúbia e esquiva que, em sua entrada em cena, enfrenta esse logos cuja extensão estará diretamente ligada com

¹⁵ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 27.

¹⁶ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 29.

¹⁷ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 34.

¹⁸ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 25.

¹⁹ FOSTER, 2006, p. 12.



a tendência homogeneizante que girará em torno de um determinado pressuposto de identidade. O marrano, sua personalidade, entrará em colisão com o projeto de uma modernidade articulada em torno de práticas unificadoras, cuja preocupação principal será silenciar as vozes da diferença. Dito de outro modo, a ficção marrana faz resistência a essa outra ficção que constitui a linha mestra da modernidade²⁰.

A ficção marrana referida por Forster está composta por dois pólos tensos e nem sempre nítidos, formando perenemente um dualismo de pulsões religiosas, resultando em um sentimento de não pertencimento, de um estar sempre entre a fé imposta e o que Cansinos-Assens²¹ chamaria de “la voz de la sangre”, a fé perseguida; neste contexto, qualquer tentativa de retorno, *teshubá*, tende à clandestinidade e será vista como transgressora pelos crentes majoritários. Nas palavras de Arie Vicente: “El converso es un ser profundamente triste, solitario, nostálgico y abandonado entre un mundo perdido del que no consigue descifrar los símbolos y un mundo presente con el que no logra identificarse enteramente”²².

Uma vez localizado aquele ascendente converso imolado, essa figura ontológica encriptada em sua identidade pautada pelo princípio rabínico do *Pikúarr Néfech* (preservação da vida), Benaser toma conhecimento da carga histórica de antissemitismo que motivou a decadência da sua estirpe. Esse ascendente queimado na fogueira passa a possuir uma dimensão coletiva que se converte em um emblema da dor do povo judeu, embora, é importante ressaltar, “Seguro, absolutamente, no lo estaba. ¿Quién puede afirmar algo con absoluta certidumbre en esta brumosa región de los orígenes?”²³. Como lembra Arie Vicente: “[...] Benaser que no posee ese álbum genealógico, se deja conducir por sus propias sensaciones para sentir la voz del pasado”²⁴.

A irmã de Benaser, *Miriam* --que encarna a figura do converso cuja fé cristã se mostra inquebrantável --, trava com o jovem um diálogo intenso e antitético que exigirá de Benaser uma convicção profunda e uma organização lógica para justificar esse retorno às raízes judaicas. Para isso, o jovem poeta penetra nessa atmosfera sugestiva que é a tradição, e *ensimismado* na história dos seus antepassados, dá cabida não apenas a um “judaísmo laico” baseado no humanismo decimonônico, mas também religioso.

²⁰ FOSTER, 2006, p. 10.

²¹ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 94.

²² VICENTE, 1992, p. 149.

²³ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 61.

²⁴ VICENTE, 1992, p. 149.



1.3 Relação mestre e discípulo

Após ouvir “La voz de los abuelos” (título da primeira parte do romance), Rafael Benaser é iniciado na tradição judaica pelas mãos do *señor* Farsi, e com este estabelece uma relação de *maestro* e *discípulo*. Na ausência de sacerdotes (pois, se acordo com o *señor* Farsi, o judaísmo é uma doutrina desligada “de limperio de los sacerdotes”), o gibraltarinense transfere ao jovem poeta a sua visão particular de judaísmo: ser judeu implica uma observância religiosa, um pertencimento a uma cultura e, também, um modo de vida em comunidade. A ação religiosa, como confirmação dos ensinamentos ancestrais, e as respectivas comemorações, se coloca de maneira decisiva na existência do judeu. Nas palavras de Cecilia Prenz²⁵: “Por medio de esta estrecha conexión entre observancia y ritualidad se crea esa condición de continuidad necesaria que favorece la tradición”.

O *señor* Farsi aparece na trajetória de Benaser depois uma decepção tida pelo jovem: após entrevistar um dos pouquíssimos nomes na Espanha que não vivia abdicado totalmente do seu judaísmo, o húngaro *doctor* Heiler, em cuja casa Benaser esperava “encontrar por todas partes signos evidentes de otra fe y otra raza; *mezuzot* sobre los dindetes, estrellas salomónicas en los cortinajes, emblemas hieráticos y exóticos como en la morada de un rabino medieval”, mas onde apenas viu “retratos de médicos ilustres, Charcot, Pasteur, Petenkofer, y en el que un gusto oriental apenas si se revelaba en la elección de las alfombras persas que cobrían los suelos”.²⁶ O médico Heiler, à primeira impressão de Benaser, havia abjurado do judaísmo em favor de outro credo: o positivismo e a fé na Humanidade. Desfeitos os primeiros estereótipos, o *señor* Farsi surge para Benaser menos como um judeu à lembrança de Shylock que como súdito britânico, ainda que conservasse “sus facciones morenas, finas y aguzadas, su delgadez y la apasionada melancolía de sus ojos, avivaba en ella el recuerdo, ya antiguo, del padre”²⁷.

Los señores de Farsi eran observantes de su religión, sin incurrir en fanatismo: celebraban los sábados, días en que el marido, cubriéndose la cabeza con la estola tradicional, recitaba las preces rituales; en la pascua de *Pésaj*, la mujer, encorvada, a la luz de una vela, recogía de los suelos las últimas migajas del pan con levedura, y ambos comían, según el rito, los panes ázimos, las insípidas tortas que les enviaban unos parientes de Gibraltar; en los días de *Kipur* asistían a un oratorio particular, en cada de un anciano anticuario israelita, donde, desde tiempo

²⁵ PRENZ, 2021, p. 54.

²⁶ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 43.

²⁷ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 94.



inmemorial, reunían se los hebreos residentes en España o que en el país se encontraban de viaje, y escuchaban sobrecogidos de devoto pavos, la trompeta del shofar [...]”²⁸.

O *señor* Farsi, mestre de Benaser, era um fiel cumpridor das comemorações e celebrações judaicas (é importante destacarmos este ponto, para entender na análise subsequente, como esse modo de praticar e pertencer à tradição vai ser compartilhado por Benaser e pela sua irmã, Miriam): “La primera vez que el señor Farsi visito en su casa al joven Rafael, fue como si conélenra se toda laraza proscrita, reanudando relaciones abolidas por los siglos”²⁹.

O gibraltarino orgulhava-se da sua estirpe sefardita, que nas suas palavras, “representaban [os sefarditas] el liberalismo entre sus hermanos, que vivieron siempre en el fanatismo de la servidumbre”³⁰. Esse liberalismo pode ser notado no ânimo e no incentivo que dedicava o *señor* Farsi à causa filossemita, e em apresentar-se sempre com o nome próprio (Isaac), e em mostrar sempre “alegre y animoso, [...], deseoso de atestiguarante las gentes, lós *goim*, más bien la gloria y el triunfo de Israel, que sus dolores y miserias”³¹.

Pela mão do *señor* Farsi, Benaser recorre os territórios insondáveis da tradição, da ética, da literatura e do pensamento judaicos até o ponto de questionar-se sobre as próprias convicções. No último capítulos de *Las luminarias de Janucá*, deparamo-nos com um Rafael Benaser contrariado: havia notado que o restabelecimento da sua *Sefarad*, o “españolismo del judío”³² que sentia no seu próprio caráter, e o oratório que haviam erguido em Madri, se referia a um objetivo menor, se comparado ao mais ousado plano que ardia na mente dos seus companheiros: a fundação do Estado de Israel na então Palestina otomana: “La empresa de Benaser de querer hacer convivir dos mundo o volver hacer de España una tierra de comunidade se ve interrumpida cuando comprende que el sionismo y la creación de una patria judia es la meta final [...]”³³. Essa brecha nas suas convicções, dá ocasião para que tensões aparentemente superadas voltem à tona: “[Cristo] Era la única víctima reprochable al pueblo judío, su único crimen, y el pueblo judío aceptaba esa víctima y repetía ese crimen cada vez que negaba a ese hermano sublime”³⁴. Essas tensões são confessadas ao sábio *doctor* Salomón, o *rabí*, que se esforça para afastar do espírito do jovem essa

²⁸ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 55.

²⁹ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 94.

³⁰ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 59.

³¹ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 132.

³² VICENTE, 1992, p. 147.

³³ VICENTE, 1992, p. 153.

³⁴ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 259.



“congoja profunda”, enquanto caminham pelas “colinas Del Ponientes”, tendo aos pés a cidade “reconquistada para el judaísmo”³⁵.

2 As lâmpadas do retorno

No judaísmo, os ritos e celebrações guardam um vínculo com acontecimentos passados chaves para o “Povo do Livro”. As comemorações (etim. *commemoratio*, lembrar) do *Shabat*, *Yom Kippur*, *Pesaj*, *Purim* e *Chanucá* filiam o celebrante a uma tradição antiquíssima mediante um momento repetido em outro país, em outra língua, em outro tempo, nunca linearmente, mas em uma descontinuidade produtiva; estas gerações, no mais das vezes, tinham apenas nessas festividades um ponto comum. Em outras palavras, o ritual recria fragmentos de eternidade ao possibilitar a repetição criativa dos principais preceitos e momentos judaicos, possibilitando ao participante um pertencimento a uma religião, a uma comunidade e à sua própria condição no mundo. No pensamento judaico, pois, a tradição está intrinsecamente ligada à memória. Como lembra Cecilia Prenz:

Recordar [na tradição judaica] no es un simple evocar el pasado, porque la cadena de transmisión del recuerdo no solo custodia el hecho mismo, sino que lo reactiva, lo potencia, lo restituye a una una nueva vida desde el momento en que entra nuevamente en el círculo de la narración³⁶.

A importância da prática ritualística da festividade para o pertencimento às tradições judaicas foi impressa por Cansinos-Assens em *Las luminarias de Janucá*, como sugere o próprio título. Neste romance, nos encontramos diante de um testemunho que é construído a partir da memória, mas também por meio de um profundo conhecimento dos temas capitais das tradições judaicas. Note-se, por exemplo, a riqueza de detalhes que contém a narração do primeiro rito judaico que Rafael Benaser participa, em casa do *señor Farsi*, no dia 9 do mês de *Av*: o *TisháBeAv*.

Una solemne gravedad llenaba la casa aquella noche. Rafael advirtió que la esposa abrazaba con más ternura que de costumbre a su consorte moreno [el señor Farsi], como si plañesen un duelo familiar. Prescindiendo de la criada, sirvióles ella misma la colación, parca y frugal. Después de la cena, el señor Farsi, asumiendo una gravedad sacerdotal, cubrióse la cabeza con una estola blanca que le aprestó la esposa y recitó unas preces en hebreo. Luego, en cumplimiento de un rito inmemorial, tomó de encima de la mesa una fuentecita en la

³⁵ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 261.

³⁶ PRENZ, 2021, p. 53.



que había negros granos de mirra y aspiró su perfume, dándosele luego a aspirar a la esposa y al amigo. El momento asumía una solemnidad extraña³⁷.

Toda essa ritualística fazia um grande sentido para o jovem, que naquele momento sentia “una impresión milenaria, de *ghetto*, de Edad Media, de misterio”. Diante daqueles gestos lutuosos realizados pelo *señor* Farsi, cumpre-se o *Pirkei Avote* Benaser voltava às práticas religiosas do avô imolado século antes: “Toda la modernidad ambiente desaparecía [...]”³⁸.

Como explicamos anteriormente, a campanha filossemita encabeçada pelo senador Florido/Ángel Pulido, e posteriormente o advento de refugiados judeus em decorrência da Primeira Guerra, propicia o momento culminante do romance: a congregação em um oratório “reducido, pero suyo, sagrado como un templo e inviolableya por la tolerancia de las leyes españolas”, onde poderiam celebrar a “Janucá en el país de los inquisidores”. Esta comemoração marca o restabelecimento definitivo da comunidade judaica na Espanha: “Estamos aqui otra vez y encendemos las luminarias de la victoria; vivimos siempre los diezmados, los perseguidos, los abrasados en las hogueras”³⁹.

Acender as sete velas, uma a uma e lentamente, ficou a cargo do *doctor* Nordsee, húngaro e *alter ego* de Max Nordau⁴⁰, que se encontrava à época na Espanha, fugindo dos horrores da guerra. Os principais personagens do romance estão presentes nesse momento solene, com exceção do protagonista Rafael Benaser: “No reconociáse con derecho, como incircunciso, a trasponer aquellos umbrales, en los que sólo debían de tener acceso los que en su cuerpo llevaban la señal del pacto [...]”. Ainda que houvesse participado ativamente na campanha de reparação, e fosse espiritualmente ligado à fé dos seus companheiros, “sería siempre un *advena ad portas* en la casa de Israel” e não poderia “penetrar nunca en el recinto, donde Israel celebraba sus misterios”.⁴¹

Novamente aparece diante da família Benaser a sombra da exatidão da Cruz e o Cristo que dela pende: “Descendiente de unos padres que habían aceptado al Cristo, no podía rechazarlo ya”.⁴² A identidade híbrida, marrana, não está nesta parte do romance totalmente bem fundamentada no espírito do jovem Benaser; essa

³⁷ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 140.

³⁸ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 140.

³⁹ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 221.

⁴⁰ Max Nordau (1849-1923) foi um médico, ativista sionista e co-fundador da Organização Sionista Mundial.

⁴¹ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 228.

⁴² CANSINOS ASSENS, 1961, p. 228.



identidade consolidada é o que levará, anos mais tarde, um Benaser já maduro ter a segurança para “pronunciar el *requiem* el *shalom*”⁴³ quando melhor lhe convier.⁴⁴

Miriam, a irmã de Benaser, porém, se sente, esta noite de *Chanucá*, especialmente feliz “al saber que, a pesar de todo, se han encendido em España las luminarias de la victoria macabea”⁴⁵. Diante da hesitação e inércia do irmão, preso a pensamentos identitários que não acham um termo fixo, Miriam, “como guiada por genio de laraza” e “con mano trémula e solemne, ibra encendiendo, una tras de otra” as luminárias de *Janucá* “al pie de la antigua efigie del Cristo que era en la casa como un blasón de fe, ¡las siete estrellas de Janucá!”⁴⁶. Assim, pelas mãos femininas de Miriam, a família Benaser se reinsere na tradição que os seus avôs mais longínquos se haviam visto obrigados a renunciar; ao menos tempo, em outra parte de Madri, a reduzida, mas diversa comunidade judaica celebrava com danças em volta das sete luzes, cumprindo, estes dois atos, o duplo movimento de retorno em direção a *Sefarad*.

Consideração final

Neste romance coincidem uma série de personagens que referenciam personalidades reais que trabalharam para o retorno oficial dos judeus à Espanha, de onde haviam sido expulsos em 1492. Entre essas figuras, está a de Rafael Benaser, que cansado da inércia que paira sobre a sua estirpe, encontra em documentos inquisitoriais o nome do antepassado encriptado e imolado que levará o jovem aos primeiros contatos com o judaísmo, que à época, na Espanha, se assemelhava a uma espécie de sociedade secreta. Benaser trabalha para uma reconciliação pessoal entre si próprio e o judaísmo, ao mesmo tempo em que coletiva, da Espanha com *Sefarad*. Esta reconciliação é expressa, e se dá, pela festividade de *Chanucá*, quando as setes velas voltam a reluzir em terras espanholas oficialmente. Por fim, o jovem aceita o legado de ambos os Testamentos por encontrar neles o vínculo que o une ao “Povo do Livro” e à figura de Cristo.

Referências

BORGES, Jorge Luis . *El tamaño de mi esperanza*. Buenos Aires: Seix Barral, 1993.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas (1952-1972)*. Barcelona: Emecé, 1996.

⁴³ CANSINOS ASSENS, 1950, p. 197.

⁴⁴ Em 1950, é publicada em Buenos Aires *Los judios de Safarad*, uma coletânea de vinte e seis estampas literárias, cuja última é um conto que retoma a história de *Las luminarias de Janucá*. Neste texto, temos um Rafael Benaser que veio a afastar-se da comunidade que ajudou a formar.

⁴⁵ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 230.

⁴⁶ CANSINOS ASSENS, 1961, p. 231.



BORGES, Jorge Luis. *Um ensaio autobiográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CANSINOS ASSENS, Rafael. *Las Luminarias de Janucá*. Buenos Aires: Editorial Candelabro, 1961.

CANSINOS ASSENS, Rafael. *La novela de un literato: 1882-1914*. Madrid: Alianza, 1982.

CANSINOS ASSENS, Rafael. *Los judíos de Safarad: episodios y símbolos*. Buenos Aires: Editorial Israel, 1950.

FORSTER, Ricardo. *A ficção marrana: uma antecipação das estéticas pós-modernas*. Tradução de Lyslei Nascimento e Mirian Lopes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

GARZÓN, Jacobo Israel. *Rafael Cansinos Assens, el judaísmo y Las luminarias de Janucá*. In: CANSINOS ASSENS, Rafael. *Las luminarias de Janucá*. Madrid: Arca Ediciones, 2011. p. 9-24.

PRENZ, Cecilia. *Las luminarias de Janucá de Rafael Cansinos Assens: Algunas claves de lectura*. *Rassegna iberistica*, [s. l.], v. 44, ed. 115, 2021. DOI 10.30687/Ri/2037-6588/2021/16/003. Disponível em:

<https://edizionicafoscari.unive.it/it/edizioni/riviste/rassegna-iberistica/2021/115/>.

Acesso em: 21 jan. 2024.

VICENTE, Arie. *Cansinos Asséns: Pasión y agotamiento en el movimiento filosemita de 1905*. *Actas Irvine-92 = Actas de XI Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, Irvine: University of California, v. 4, p. 147-155, 1992. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc1138901>. Acesso em: 5 fev. 2024.

Enviado em: 20/02/2024

Aprovado em: 05/03/2024